

LGBTI+FOBIA E FORMAÇÃO DOCENTE: O QUE FOI PRODUZIDO NOS ENCONTROS NACIONAIS DA ANPED ENTRE 2017 E 2021?

Yago Marinho Aquino do Nascimento¹
Giovanna Marafon²

RESUMO

Este trabalho consiste em um levantamento bibliográfico realizado na dissertação, intitulada: “‘Não vou parar’: (r)existências contra a LGBTI+fobia na formação docente em um Instituto Federal (IF)”. Tem por objetivo apresentar e discutir a produção acadêmica das reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), de 2017, 2019 e 2021, relativamente à LGBTI+fobia - opressão e violência contra pessoas fora das normas heterocisgêneras. Com as análises, foi possível perceber que ainda são escassas as pesquisas que abordam gênero e sexualidade, mais especificamente a LGBTI+fobia na formação docente. Verificou-se uma escassez de trabalhos que discutissem a formação docente alinhada às categorias aqui apresentadas, o que é um possível indício de dificuldade ou falta de interesse em se aliar a perspectiva formativa com o combate à LGBTI+fobia nos últimos anos.

Palavras-chave: LGBTI+Fobia, Formação docente, Levantamento bibliográfico, ANPEd.

1 Mestre em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, yagomarinho.aquino@hotmail.com;

2 Doutora em Psicologia, Professora da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, giovannamarafon@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar e discutir uma parte da dissertação de mestrado intitulada: “‘Não vou parar’: (r)existências contra a LGBTI+fobia na formação docente em um Instituto Federal (IF), defendida em 2023 no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/ UERJ).

Neste trabalho, trata-se de um levantamento bibliográfico desta produção com o intuito de compreender o que vem sendo pesquisado com relação à LGBTI+fobia e à formação docente na área educacional no Brasil.

A pesquisa teórica foi inspirada pelo levantamento realizado na tese de Daniel Vieira Silva (2022) e buscou trabalhos feitos no campo interdisciplinar dos estudos de gênero e sexualidade através do acesso às bases científicas da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), além de pesquisa também no site institucional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), mais especificamente os trabalhos contidos no Grupo de Trabalho (GT) 23 “Gênero, Sexualidade e Educação” e no Grupo de Trabalho (GT) 08 “Formação de Professores. A escolha pela ANPEd se deu pelo impacto, com relação a visibilidade e referência, que essa associação apresenta dentro da Educação, sendo um espaço valorizado de apresentações dos trabalhos desenvolvidos no campo da formação docente.

Além do levantamento das comunicações realizadas na ANPEd, vale apontar que a pesquisa também teve um campo empírico, no diálogo com licenciandas/licenciandos em Química do Instituto Federal do Rio de Janeiro *campus* Duque de Caxias (IFRJ – CDuC), sujeitas/sujeitos que contribuíram com seus relatos a respeito da experiência em uma disciplina de gênero e sexualidade. Foi observada a presença do atravessamento das questões étnicorraciais, em especial a sua opressão correlata, o racismo, que apareceu de forma latente em meio às discussões sobre gênero e sexualidade. Por isso, foi necessário mobilizar a contribuição da perspectiva interseccional para entender como a LGBTI+fobia e o racismo contribuem na desumanização de determinados corpos não-normativos. Conforme Mara Viveros Vigoya (2023), a interseccionalidade é uma ferramenta utilizada para compreender as relações de poder que estão imbricadas nas opressões e nos privilégios. Assim, a busca dos trabalhos incorporou também os descritores branquitude e racismo.

METODOLOGIA

Os trabalhos aqui analisados foram todos produzidos em português, realizados no Brasil e classificados como artigos ou artigos de revisão produzidos entre

os anos de 2016 (ano em que o autor da dissertação foi aluno da disciplina de gênero e sexualidade, além de ser o ano do golpe que retirou a Presidenta Dilma Rousseff do poder, o que pode ter mudado algum paradigma na perspectiva da formação docente no Brasil) e 2021 (ano em que o autor chegou ao Mestrado do PPFH/UERJ).

Para chegar nessas produções, foram buscadas as seguintes palavras-chaves na plataforma SciELO: “LGBTI+fobia nas licenciaturas”, “LGBTI+fobia e branquitude” e “LGBTI+fobia e racismo”. Já nos sites dos encontros nacionais da ANPEd, a pesquisa se deu através da leitura de todos os resumos contidos tanto no GT 23 quanto no GT 08 entre 2016-2021, selecionando aqueles que poderiam indicar uma certa afinidade com o escopo principal da pesquisa realizada na dissertação.

Através da busca na plataforma SciELO pelas palavras-chaves mencionadas, não houve retorno algum sobre trabalhos que utilizassem esses conjuntos de palavras dentro do período selecionado (2016 a 2021). Entretanto, ao buscar apenas por LGBTI+fobia no site da SciELO, houve o retorno de um trabalho classificado como “Relato de Caso” e que discutia em seu

resumo uma análise das Diretrizes Curriculares Nacionais sobre gênero e sexualidade com foco nas problematizações acerca da educação médica e como esse assunto é invisibilizado, contribuindo para a LGBTI+fobia institucional. Devido a ser da educação médica e não das licenciaturas, o levantamento bibliográfico se concentrou exclusivamente nos trabalhos da ANPEd.

Dentro do período definido para as buscas, com relação ao site da ANPEd, foi constatado que se encaixavam três encontros nacionais – realizados a cada dois anos – a saber: 38ª, 39ª e 40ª Reuniões Nacionais da ANPEd que se referem respectivamente aos anos 2017, 2019 e 2021. As análises se centraram, em um primeiro momento, nas leituras dos resumos desses trabalhos e, em alguns casos, foi utilizada a ferramenta de busca do programa Adobe Acrobat Online para auxiliar na busca de termos, como: LGBTI+fobia, homofobia, gênero, sexualidade, racismo, e docentes, por exemplo, para identificar afinidade com os campos e as abordagens levantadas na presente pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciando pela 38ª Reunião Nacional da ANPEd, no GT 08 (Formação de Professores) foram contabilizados 23 trabalhos, sendo que somente um não estava disponível para visualização. Dentre eles, nenhum trabalho explorava a temática LGBTI+fobia na formação docente ou nas licenciaturas. Nesse mesmo encontro, ao investigar o GT 23 (Gênero, Sexualidade e Educação), foram contabilizados um

total de 21 trabalhos aprovados, dos quais oito (8) foram selecionados por indicar uma possível proximidade com os campos desta pesquisa.

Quando analisada a 39ª Reunião Nacional da ANPEd, foi verificado que no GT 08 foram apresentados 23 trabalhos, mas dois desses trabalhos não estavam disponíveis para acesso, ou seja, apenas 21 trabalhos puderam ser analisados. Somente um (1) trabalho foi selecionado, pois apresentou diálogo com a proposta apresentada na dissertação. Já no GT 23 foram apresentados um total de 23 trabalhos, porém, estavam disponíveis apenas 13, pois 10 não puderam ser acessados. Desses 13 trabalhos, foram selecionados apenas três (3).

A última Reunião Nacional da qual foram analisados os trabalhos nos dois GTs foi a 40ª. No Grupo de Trabalho 08, foram apresentados um total de 38 trabalhos, sendo somente um (1) selecionado, pois indicava abordar uma perspectiva antirracista e antissexista na formação docente, o que em partes dialogava com a pesquisa realizada durante a escrita da dissertação. O GT 23 apresentou 27 trabalhos publicados e, desses, três (3) foram selecionados. Os trabalhos selecionados encontram-se organizados no Quadro 1.

Quadro 1 - Trabalhos selecionados no site da ANPEd, de acordo com os critérios apresentados

Grupos de Trabalho	Reuniões Nacionais da ANPEd		
	38ª Reunião Nacional da ANPEd (2017)	39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)	40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)
08 - Formação de Professores	-	“Histórias de vida e experiências pedagógicas com o PIBID: uma abordagem da diversidade na formação docente”	“A formação docente antirracista e anti-sexista”

Grupos de Trabalho	Reuniões Nacionais da ANPEd		
	38ª Reunião Nacional da ANPEd (2017)	39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)	40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)
23 - Gênero, Sexualidade e Formação	<p>“O ataque à discussão de gênero na escola, construção identitária e a importância da liberdade docente”;</p> <p>“Pedagogias religiosas no combate à ‘Ideologia de Gênero’: efeitos de saber- poder-verdade”;</p> <p>“As diversidades sexuais na escola: (in)junções discursivas entre a religião e o Estado laico”;</p> <p>“Docências trans*: entre a decência e a abjeção”;</p> <p>“‘Coisas de meninos e coisas de meninas’: a produção do curso gênero e diversidade na escola sobre Educação Infantil”;</p> <p>“Decifra-me! Não me devore! Gênero e sexualidade nas tramas das lembranças”;</p> <p>“As distâncias sociais entre escola e sujeitos homossexuais e sua interferência na percepção de homofobia”;</p> <p>“Autorrepresentações e subalternidades: famílias, racialidades e masculinidades na escola”.</p>	<p>“A violência sofrida por professores(ras) homossexuais na escola: apontamentos contemporâneos”;</p> <p>“Cartografias das experiências de pessoas trans com os territórios da Educação em Biologia”;</p> <p>“Gênero na formação de pedagogas: os percalços na inserção da temática nos percursos curriculares”.</p>	<p>“Vocês são livres, mas eu lhes anuncio que Deus condena’: pertencimento religioso e questões de gênero e sexualidade na escola”;</p> <p>“Masculinidades negras: o que dizem as pesquisas apresentadas nos encontros da ANPEd (2012 – 2019)”;</p> <p>“Homofobia e docência no contexto da escola básica em Castanhal Pará”.</p>

Fonte: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)

Chama a atenção nesse primeiro levantamento, feito a partir da leitura dos resumos dessas produções, apresentados nos sites das reuniões nacionais da ANPEd, a presença de poucos trabalhos produzidos que discutissem o combate à LGBTI+fobia na formação docente.

Além disso, é perceptível que há um número reduzido de trabalhos no GT 08, voltado a discutir a formação docente, que dialogassem com o campo Gênero e Sexualidade, principalmente quando se pensa na LGBTI+fobia. Diferentemente da realidade percebida no GT 23, que trata exatamente de pesquisas desse campo.

Outro fato interessante de mencionar é que, passando para um segundo momento de análise, ao reler os resumos, foi possível perceber que apenas dois deles (“As distâncias sociais entre escola e sujeitos homossexuais e sua interferência na percepção de homofobia” e “Homofobia e docência no contexto da escola básica em Castanhal Pará”) apresentam o termo “homofobia” em seus títulos. Isso pode nos mostrar que tal opressão vem sendo pouco analisada nos trabalhos da ANPEd e que em trabalhos onde há essa discussão ela está colocada como violências e opressões relacionadas ao gênero e sexualidade ou violências contra pessoas homossexuais, como no trabalho “A violência sofrida por professores(ras) homossexuais na escola: apontamentos contemporâneos”.

Em todos os trabalhos selecionados no Quadro 1, não há menção ao termo LGBTI+fobia. Essa ausência pode nos indicar um enfoque maior dessas produções voltado às pessoas homossexuais (incluindo as lésbicas, que possuem um termo próprio para a homossexualidade feminina, e sua opressão, a lesbofobia, que não é apresentado explicitamente) em detrimento de outras orientações sexuais e identidades de gênero que estão mais amplamente contempladas na sigla LGBTI+fobia. O termo homofobia é apresentado como uma opressão que ocorre também nos espaços escolares e, muitas vezes, corroborada por ações e falas de professoras/professores.

A temática religiosa também apareceu nos títulos e/ou resumos nos seguintes trabalhos: “Pedagogias religiosas no combate à ‘Ideologia de Gênero’: efeitos de saber-poder-verdade”, “As diversidades sexuais na escola: (in)junções discursivas entre a religião e o Estado laico”, “Decifra-me! Não me devore! Gênero e sexualidade nas tramas das lembranças” e “Vocês são livres, mas eu lhes anuncio que Deus condena’: pertencimento religioso e questões de gênero e sexualidade na escola”. Nesses trabalhos há discussões que apontam o papel fundamentalista que algumas religiões (ou grupos dentro de algumas denominações religiosas), principalmente as cristãs, operam nas escolas ou até mesmo em políticas públicas relacionadas à formação docente, buscando evitar que haja a menção sobre questões que perpassam as diversidades de gêneros e sexualidades na formação.

O resumo do trabalho “Histórias de vida e experiências pedagógicas com o PIBID: uma abordagem da diversidade na formação docente” traz a menção de questões presentes no ambiente escolar, dentre elas a liberdade religiosa e as diversidades étnico-racial, de gênero e sexualidade a partir de experiências

formativas de professoras/professores supervisoras/supervisores do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

O trabalho “O ataque à discussão de gênero na escola, construção identitária e a importância da liberdade docente” aborda as restrições de liberdade impostas a docentes com relação às questões de gênero, interculturalidade e construção identitária dentro do espaço escolar, as discussões sobre o papel do currículo e o impedimento da demonstração das diferenças existentes entre as pessoas, o que leva a não permissão do empoderamento de estudantes para que possam ser o que quiserem ser.

Já no trabalho “Gênero na formação de pedagogas: os percalços na inserção da temática nos percursos curriculares”, há a busca por entender como as discussões de gênero têm sido trabalhadas em dois cursos de pedagogia de instituições distintas (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e Universidade Federal Fluminense - UFF, ambas instituições localizadas no Estado do Rio de Janeiro), através de entrevistas com docentes para compreender as estratégias para inserir essas discussões em suas aulas, dentro do próprio currículo, e o enfrentamento às resistências de parte das/dos estudantes que não querem que essas questões sejam trabalhadas.

Dois trabalhos foram responsáveis por abordar as experiências trans e suas contribuições para a Educação, seja na formação docente, nas disciplinas ou nas vivências da docência dentro de escolas são, eles: “Docências trans*: entre a docência e a abjeção” e “Cartografias das experiências de pessoas trans com os territórios da Educação em Biologia”.

Por fim, os seguintes trabalhos trazem em seus títulos e/ou resumos a questão da interseccionalidade ou a discussão sobre masculinidades negras: “Autorrepresentações e subalternidades: famílias, racialidades e masculinidades na escola”, “A formação docente antirracista e anti-sexista” e “Masculinidades negras: o que dizem as pesquisas apresentadas nos encontros da ANPEd (2012 - 2019)”.

Em um segundo momento, entre os trabalhos apresentados no Quadro 1, foram selecionados aqueles que realmente apresentassem discussões em que estivesse no seu cerne: gênero e sexualidade (podendo apresentar intersecções ou não) na perspectiva da formação de professoras/es e/ou homofobia/LGBTI+fobia e formação docente ou LGBTI+fobia/homofobia no contexto educacional. Portanto, após uma última seleção, os trabalhos que foram analisados na íntegra são:

Quadro 2 – Trabalhos que foram selecionados na segunda etapa da pesquisa

Grupos de Trabalho	Reuniões Nacionais da ANPEd		
	38ª Reunião Nacional da ANPEd (2017)	39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)	40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)
08 – Formação de Professores	-	-	8) “A formação docente antirracista e anti-sexista”
23 – Gênero, Sexualidade e Formação	<p>1) “Docências trans*: entre a docência e a abjeção”;</p> <p>2) “‘Coisas de meninos e coisas de meninas’: a produção do curso gênero e diversidade na escola sobre Educação Infantil”;</p> <p>3) “Decifra-me! Não me devore! Gênero e sexualidade nas tramas das lembranças”;</p> <p>4) “As distâncias sociais entre escola e sujeitos homossexuais e sua interferência na percepção de homofobia”;</p> <p>5) “Autorrepresentações e subalternidades: famílias, racialidades e masculinidades na escola”.</p>	<p>6) “A violência sofrida por professores(ras) homossexuais na escola: apontamentos contemporâneos”;</p> <p>7) “Cartografias das experiências de pessoas trans com os territórios da Educação em Biologia”;</p>	<p>9) “Homofobia e docência no contexto da escola básica em Castanhal Pará”.</p>

Fonte: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)

No Quadro 2, os títulos de cada trabalho ganharam uma numeração para facilitar a compreensão sobre qual dos textos está sendo analisado. Em relação à 38ª Reunião Nacional da ANPEd, cinco (5) trabalhos tiveram seus textos lidos na íntegra e estão apresentadas suas ideias em linhas gerais:

1. A identidade transexual como a possível para ser professora em detrimento da identidade travesti; a construção da docência feminina no Ocidente como uma tarefa ligada ao cuidado materno e, portanto, uma construção subjetiva do que é ser uma professora; a docência feminina tomada como uma docência-decente; professoras trans e travestis questionando esse status da docência-decente; a fabricação da docência trans e travesti relacionada à fabricação de seus corpos e subjetividades;

atitudes docentes trans e travestis e seus modos de se posicionar (estratégias de resistências) são múltiplos e singulares.

2. Resultados das produções em trabalhos de conclusão de curso da Especialização em Gênero e Diversidade na Escola; docentes das redes municipais e estaduais foram o público-alvo e a relação teoria e prática sobre os temas que envolvem gênero e sexualidade; a importância da discussão e reflexão sobre o gênero na educação infantil se apresenta, pois uma prática docente que diferencia meninos e meninas pode contribuir para uma futura defasagem no processo ensino-aprendizagem; como a organização espacial interfere no processo de desenvolvimento físico e cognitivo das crianças, podendo demarcar onde meninos e meninas podem se posicionar; as características gendradas e gendradas para meninos e meninas e como se apresentam nas práticas docentes, nos discursos sexistas e machistas, na definição de brincadeiras de meninas e brincadeiras de meninos; **para superar tais práticas é necessário que as discussões de gênero estejam apresentadas de forma transversal nos cursos de formação inicial e continuada de docentes;** a questão norteadora das pesquisas foi sobre o que as docentes entendiam sobre gênero e como intervinham nas situações onde ele se apresentava; foi possível perceber uma reprodução de sentidos do que “é de menino” e o que “é de menina”, mostrando que ainda se perpetua essa diferenciação de gênero nas escolas pelas/pelos docentes, através de suas práticas, falas e olhares.
3. Analisar o lugar que as questões de gênero e sexualidade estavam presentes nas trajetórias pessoais, profissionais e nas práticas de docentes que realizaram o curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola; os enigmas de ser homem, mulher, além da perspectiva meramente biológica, e os enigmas envolvendo as questões da sexualidade existentes até hoje, muitas vezes indecifráveis para algumas pessoas; **qual é o papel desse curso de especialização no combate de preconceitos relacionados ao gênero e a sexualidade?;** será que as/os docentes que o cursaram conseguem perceber essas questões colocadas em suas práticas?; o uso da história oral de vida para ampliar as questões apresentadas pelas/pelos entrevistadas/entrevistados possibilitando a compreensão de fenômenos sociais para além das palavras ditas, não ditas e interditas; o uso do termo “homossexualismo” no lugar de homossexualidade foi usado por uma participante do curso, o medo

- do uso das palavras relacionadas a sexo ou sexualidade (entendendo tais questões como tabu).
4. O ambiente escolar apresenta em seu cotidiano diversos preconceitos, discriminações e violências, produzidos pelo estabelecimento de desigualdades entre indivíduos e suas identidades; o convívio com a diversidade sexual pode contribuir para evitar atos preconceituosos ou discriminatórios, mudando a visão que se tem do “outro”; análise de como o distanciamento social influencia na percepção da homofobia escolar e se as distâncias sociais podem estar relacionadas a outras características como gênero, **raça/etnia** e religião; a homossexualidade se apresenta como uma questão de pouco interesse para os sujeitos na escola, o que pode contribuir para o preconceito e discriminação contra indivíduos homossexuais, além de silenciá-los; não foi possível detectar grandes diferenças nas distâncias sociais entre pessoas brancas e não brancas em relação aos homossexuais.
 5. Não foi possível realizar leitura do texto na íntegra, pois no site do encontro nacional há apenas o arquivo contendo título, autora e autor, resumo e palavras-chave.

Já na 39ª Reunião Nacional da ANPEd, foi possível extrair as seguintes informações dos textos selecionados:

6. Cotidianamente as violências implícitas são tomadas como algo menor, sem importância dentro da dinâmica social; variadas formas de violência presentes no ambiente escolar; foco deste trabalho foi sobre a violência sofrida pelas/pelos professoras/professores, principalmente, aquelas/aqueles que divergem da heteronormatividade e apresentam outras sexualidades que fogem do padrão; a ressonância da homofobia na sociedade refletida contra professoras/professores homossexuais (apenas é citada a população LGBTI+ quando se apresentam dados sobre mortes e violências sofridas por essa população, porém, predomina a categoria homossexual/homossexuais no texto) dentro da instituição escolar; a contribuição da instituição escolar na perpetuação da homofobia (não há menção sobre LGBTI+fobia) ao tentar padronizar todos os indivíduos, não permitindo que possam ser exatamente como são; ações discriminatórias partiam das/dos alunas/alunos, dos pais e de colegas de trabalho; os participantes da pesquisa afirmaram que a sociedade apresenta dificuldade de entender que a sua orientação sexual não dita o profissional

que ela/ele é; muitas das vezes a tática para resistir às violências é o isolamento.

7. Agenciamentos envolvidos no encontro Experiência de pessoas trans – Ensino de Biologia; impactos que as vivências trans podem ter na desconstrução do modo de enxergar a Biologia de forma dura, estanque; produção de outras epistemologias a partir das vivências trans; deslocamento de corpos, gêneros e sexualidades; a pluralidade da educação em Biologia; sujeitos da pesquisa foram professoras/professores (cis e trans), alunas/alunos (cis e trans) tanto da Educação Básica quanto do Ensino Superior; a contribuição das experiências trans para romper com esse status “duro” das Ciências Biológicas e problematizando essa perspectiva de um conhecimento não válido.

Por fim, os conteúdos discutidos nos textos selecionados da 40ª Reunião Nacional da ANPEd foram:

8. Análise do que as diretrizes para a formação docente trazem como contribuição para o debate educacional sobre práticas antirracistas e antissexistas; a obrigatoriedade do ensino da História da África e da cultura afro-brasileira nos currículos (Lei nº 9394/1996) e seu aprimoramento com a inclusão do ensino das culturas dos povos indígenas (Lei nº 11645/2008); perspectiva interseccional para cobrir lacunas na formação de professores a partir de uma pedagogia antirracista e antissexista; a importância do reconhecimento e pertencimento racial das/dos docentes e discentes; a dimensão racial e de gênero costumam atuar juntas nas instâncias sociais e escolares quando tendem a reforçar atitudes sexistas.
9. Como professores que tornam pública sua orientação sexual (homossexual) vivenciam o cotidiano escolar que é permeado pela heteronormatividade; articulação entre homossexualidade, homofobia e educação; o neoconservadorismo do governo de extrema-direita de Jair Messias Bolsonaro que capitaneou uma caça aos direitos da população LGBTQI produzindo ecos nas discussões sobre a Base Nacional Comum Curricular e o medo à qualquer menção da palavra “sexualidade” e, principalmente, “gênero”; as/os sujeitas/sujeitos das pesquisas foram três homens e três mulheres, todas/todos cis e homossexuais, que são professoras/professores da rede municipal de ensino em uma cidade do Pará.

Infelizmente, o trabalho “Autorrepresentações e subalternidades: famílias, racialidades e masculinidades na escola”, do GT 23 da 38ª Reunião, não pode ter o seu conteúdo analisado, pois não havia o trabalho completo, somente o resumo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do levantamento bibliográfico, foi possível perceber uma escassez de pesquisas relacionadas à formação docente inicial, que se preocupem em trazer as vivências e experiências discentes para suas análises. Além disso, há um número pequeno de trabalhos que se proponham a discutir a LGBTI+fobia nesses cursos de formação inicial, o que pode indicar uma possível falta de interesse ou dificuldades de se aliar a discussão formativa com o combate à LGBTI+fobia.

Outro ponto que chama a atenção é a ausência de discussões sobre disciplinas ou conteúdos que abordem gênero e sexualidade na formação inicial. Em alguns deles, foram apresentadas pesquisas que ocorreram no campo da pós-graduação (especialização).

Além disso, há uma falta de pesquisas com abordagem interseccional que possam discutir LGBTI+fobia e racismo, mas também relacionadas a outros marcadores sociais como: religião, território, classe social, capacitismo etc, o que acaba por impedir o levantamento da análise de outras questões que se aliam à LGBTI+fobia no processo de desumanização de certas pessoas.

No geral, há um número diminuto de trabalhos sobre LGBTI+fobia e formação docente, o que pode nos indicar uma ausência na produção de conhecimentos relacionados a esses campos em intersecção – indicando uma possível falta de interesse ou dificuldades de se aliar a discussão formativa com o combate à LGBTI+fobia nos últimos anos.

Com relação à LGBTI+fobia, não há menção e/ou aprofundamento sobre o termo, quando este apareceu foi para citar dados sobre violências e mortes. Em quase todos os trabalhos analisados na íntegra, a categoria que mais apareceu foi a da homofobia e, na maioria dos textos, as discussões ficaram centradas em pessoas cis e homossexuais (tanto para homem quanto para mulher, sendo que em alguns casos não se usou o termo “lésbica” e, sim, homossexuais também para pessoas do gênero feminino). Isso chama a atenção, pois mesmo sendo trabalhos produzidos há poucos anos, há o perigo de estarem contribuindo para um apagamento (intencional ou não) de uma comunidade plural, tanto em identidades de gêneros quanto em sexualidades.

Por fim, é importante mencionar a necessidade de termos nas formações iniciais de professoras/professores a discussão sobre gênero e sexualidade,

interseccionada por outros marcadores sociais, como idade, território, classe social, religião e deficiência, para que futuras/futuros docentes possam intervir ativamente no combate à LGBTI+fobia presente também nos seus espaços de atuação, transformando-os em locais seguros para todas as pessoas, principalmente para as que escapam à cisheteronormatividade vigente.

REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, Y. M. A. **“Não vou parar”**: (r)existências contra a LGBTI+fobia na formação docente em um Instituto Federal (IF). 2023. 143 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SILVA, D. S. Envelhecimento, gênero e sexualidade: modos de pesquisar, modos de subjetivar. In: _____. **Gênero, sexualidade e envelhecimento**: (dês) articulações na educação e(m) saúde. 2022. 180 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

VIGOYA, M. V. Genealogías, institucionalización y la cuestión del sujeto de la interseccionalidad. In: _____. **Interseccionalidad**: giro decolonial y comunitário. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2023. p. 37 – 54.